



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS – FATECS**

BEATRIZ GURGEL LEITE FLORÊNCIO

DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO: LINDA MAR

**A surpreendente história de uma mulher com adjetivo no nome e duros verbos
para conjugar**

BRASÍLIA

2015

BEATRIZ GURGEL LEITE FLORÊNCIO

DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO: LINDA MAR

**A surpreendente história de uma mulher com adjetivo no nome e duros verbos
para conjugar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo. Orientador: Professor Mestre em Comunicação Social Luiz Claudio Ferreira

BRASÍLIA

2015

BEATRIZ GURGEL LEITE FLORÊNCIO

DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO: LINDA MAR

**A surpreendente história de uma mulher com adjetivo no nome e duros verbos
para conjugar**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo. Orientador: Professor Mestre em Comunicação Social Luiz Claudio Ferreira

Brasília, novembro de 2015.

Banca Examinadora

Professor Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professora Carolina Assunção
Examinadora

Jornalista Sérgio Amaral
Examinador

Dedico o documentário à Linda Mar Miranda Alves da Silva, mulher que é a força e a alegria em forma humana.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Linda Mar, por ter me dado a gratificante oportunidade de realizar este trabalho. A ela, meu sincero “obrigada” por ter me acolhido tantas vezes em sua casa e ter tido o prazer em me ajudar em meio a tantas tarefas do dia a dia e sempre com um sorriso imenso estampado no rosto. Nunca me esquecerei da mulher especial que é.

A Deus por iluminar minha trajetória, me mostrar que nunca vou enfrentar nenhum desafio sozinha, e me dar confiança e conforto sempre que precisei.

Não posso deixar de reconhecer o esforço dos meus pais, Deana e Cláudio, por terem me educado e me preparado para a vida, e apoiado cada escolha minha. Obrigada por terem dividido comigo as tensões inerentes à produção desse documentário.

Ao Bruno Porto, meu namorado e melhor amigo, por ter acompanhado de perto cada vitória e angústia vividas por mim no último semestre. Meus sinceros agradecimentos por você estar sempre disposto a me ajudar, e claramente acreditar no meu potencial como futura jornalista.

À Marina Adorno, por ter sido a maior companheira na minha formação em jornalismo. Obrigada por dividir os momentos vividos na faculdade, e por me dar a certeza de que a nossa amizade vai muito além do curso.

Agradeço aos meus amigos, por estarem ao meu lado não só durante a confecção deste trabalho, mas em todos os momentos da minha vida. Tenho muita sorte por ter cada um de vocês. Em especial, Rafaella Monteiro, Francine La Rosa, Giovana Cussi, Alice Teles, Anna Carolina Martins, e Luana Gandra.

À equipe da TV Bandeirantes, obrigada por ter me proporcionado tantos aprendizados relacionados à prática do jornalismo. Principalmente aos colegas de trabalho Dênio Gonçalves e Jaime Martins, por me ajudarem na filmagem e edição do filme. A contribuição de vocês foi essencial para o resultado.

À minha cadela Fada, pela pureza, fidelidade e carinho dedicados à mim todos os dias.

Ao meu querido orientador Luiz Cláudio Ferreira, meu agradecimento sincero por ter sido o professor que mais marcou minha vida. Obrigada por acreditar em mim, estar sempre disposto a esclarecer minhas dúvidas, e principalmente por me fazer amar ainda mais a nossa profissão.

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso, que consiste neste memorial de produção de documentário e do próprio filme, traz a história de Linda Mar, uma cidadã baiana, radicada em Brasília, que enfrentou desafios e dramas durante a vida. A proposta do filme tem relação com a utilização da memória como discurso de personagem para vídeo. O material reúne impressões do passado e do presente com duros obstáculos. O extraordinário da história, conforme avaliado no período de pré-entrevistas é que, a par de situações difíceis e da angústia de criar quatro filhos com deficiência e relembrar agressões e abandonos, identifica-se como “pessoa feliz”. A história de Linda Mar é uma ilustração da realidade de mulheres brasileiras, oprimidas e exploradas por parceiros e pelo sistema. A narrativa, trazida como vídeo não ficcional, propõe a reflexão sobre temas delicados que envolvem uma mulher em situação vulnerável na capital do país.

Palavras-chave: Documentário. Produto Jornalístico. Abuso sexual. Violência doméstica. Quadrigêmeos.

ABSTRACT

My final course assignment, which consists in this documentary's memorial of production, brings the story of "Linda Mar", a Brazilian woman from "Bahia" (A State in Brazil) raised in Brasilia, who pulled through many challenges and dramas throughout her life. The main goal of the film is to use the character's memory of speech in video. The material filmed puts together memories of hard challenges in the past and present along Mar's life. Before the interviews, we found extraordinary the fact that Linda Mar never complained about the physical aggressions she suffered and did not complain either about having to raise four disabled children. She always did the opposite, and she calls herself a "happy person". Linda's Story is the reality of many Brazilian women who are oppressed by their partners and by the country's system. The narrative was brought as a non-fictional video, and proposes thoughts about specific themes that involve women in vulnerable situations in the capital of Brazil.

Key words: Documentary. Journalistic Product. Sexual abuse. Domestic violence. Quadruplets

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A LINGUAGEM AUDIOVISUAL	12
3 O QUE É UM DOCUMENTÁRIO?	15
3.1 Os tipos de documentário	16
3.2 Diferença entre documentário e reportagem	18
4 O PERSONAGEM	20
5 A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO	23
6 DIÁRIO DE BORDO	25
7 CONCLUSÃO	28
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
9 APÊNDICE – ROTEIRO	31

INTRODUÇÃO

A ideia de produzir um documentário como Trabalho de Conclusão de Curso surgiu por conta da fidelidade que a linguagem audiovisual proporciona ao transmitir uma mensagem. Retratar questões com a contribuição de sons e imagens, além da linguagem verbal, é uma forma de facilitar o entendimento do espectador. A vontade de contar uma história diferente, inspiradora e que provocasse reflexão fez com que uma personagem fosse escolhida para protagonizar o filme. Assim, o objetivo deste trabalho foi o de produzir um filme que retratasse por intermédio da memória da personagem a trajetória de Linda Mar Miranda Alves da Silva.

A vida da mulher de 54 anos traz à tona sérios problemas vivenciados pela sociedade atual, o que contribui para os objetivos a serem alcançados. O documentário visa chamar atenção para questões como o abuso sexual, as dificuldades enfrentadas por uma mãe solteira, a violência doméstica, a complexidade que é ser responsável por uma criança especial, e principalmente, o quão admirável é ver uma pessoa como Linda ter tanta força de vontade e alegria de viver, mesmo com inacreditáveis obstáculos em sua vida.

O filme que tem Linda Mar como protagonista objetiva também mostrar que ela não é a única que enfrenta as adversidades relatadas. A vida dela foi escolhida entre muitas que contribuem diariamente para índices de desigualdade crescerem. Linda Mar foi abusada sexualmente pelo padrasto durante 17 anos na infância e adolescência, e fez parte de tristes estatísticas naquela época. É difícil acreditar em números relativos a abuso e exploração sexual atualmente. No ano de 2014, foram registradas quase três denúncias a cada hora relativas a esse problema pelo “Disque 100”, serviço de denúncia por telefone do governo federal. Foi um total de 24.545 queixas deste tipo de crime durante o ano, uma média de 67 notificações por dia, segundo dados fornecidos pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Outro levantamento feito pelo Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), em 2011, apontou que 88% das crianças abusadas sexualmente foram molestadas por pessoas da família ou próximas a elas. De cada dez, quatro foram vítimas do próprio pai e três, do padrasto, assim como Linda. O estudo revela ainda que a maioria das vítimas tem até dez anos de idade e 63,4% do total são meninas, o que mostra que muitas crianças vivem exatamente o que a protagonista do documentário viveu.

E não são apenas esses números que preocupam. Assim como Linda Mar, que sofreu violência doméstica durante 15 anos por parte do marido, milhares de mulheres são agredidas diariamente pelos cônjuges. Em 2014, a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 realizou 485.105 atendimentos, uma média de 40.425 atendimentos ao mês e 1.348 ao dia. Por Estado, o Distrito Federal foi o que mais procurou o Ligue 180 (158,48%).

A luta da baiana que veio para o Distrito Federal (DF) aos três anos acompanhada da mãe, remete também a histórias de famílias que saem todos os anos de vários lugares do Brasil para tentarem uma vida melhor na capital. Segundo os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2012, 49,57% da população do DF é de pessoas nascidas em outros estados.

No ano da produção do filme, Linda era mãe de seis filhos. Dentre eles, quadrigêmeos portadores de necessidades especiais que exigem vários cuidados da mãe. Assim como eles, uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2010 aponta que 23,9% da população tem alguma deficiência. Sozinha e com uma renda de R\$ 950, ela precisa cuidar dos quatro sem poder trabalhar. Apesar das dificuldades, a mulher se sente privilegiada e feliz por ter dado à luz a esses “anjos”, como ela intitula. O documentário retrata o dia a dia, as alegrias e dificuldades que ela passa, sempre deixando em evidência o amor que ela tem pela vida.

A partir disso, o Trabalho de Conclusão de Curso também tem o objetivo de refletir sobre o preconceito vivido por pessoas com necessidades especiais, além de chamar atenção para os problemas enfrentados pelas pessoas que dependem do serviço de saúde do governo, tão precário no DF.

A maioria das cenas do documentário foram filmadas na casa da personagem principal, situada em Taguatinga (DF), e construídas a partir de depoimentos da mesma. Foram feitas também algumas imagens externas e colhidos depoimentos dos filhos para ilustrar e compor o trabalho.

Linda Mar é a narradora e protagonista, e conta cada fase de sua vida desde o nascimento. O documentário é organizado da seguinte forma: a primeira parte trata da infância e adolescência dela, a segunda dos casamentos, a terceira retrata a maternidade, e a quarta os planos para o futuro.

2 A LINGUAGEM AUDIOVISUAL

A linguagem é qualquer meio de comunicar, receber, transmitir ou repassar ideias ou sentimentos através de símbolos, sinais ou códigos. Com o passar do tempo, novas formas de linguagem surgem e se aperfeiçoam.

Grande parte do uso que fazemos da linguagem, essa que usamos para expressar por meio da fala e de uma língua, no nosso caso o português, é para relatar fatos, contar histórias, narrar desde os acontecimentos mais corriqueiros – hoje eu vi Maria chegar – aos mais complexos: discursos e conferências muito elaboradas. (COUTINHO, 2006, p. 17)

O audiovisual é um sistema de comunicação que transmite informações por meio de sons e imagens. Os dois elementos são sincronizados de forma que se correspondam e complementem um ao outro. Os primeiros registros de reprodução de imagem e som juntos se deram no século 19, e desde então o campo sofre aperfeiçoamentos constantemente com a colaboração da evolução tecnológica. À medida que novas formas de captação e registro de sons e imagens são descobertos, as características desse tipo de linguagem vão sendo construídas.

No vocabulário adequado à “Teoria da Informação e da Comunicação”, o audiovisual pode ser definido como sendo um processo de comunicação no qual mensagens múltiplas, devidamente codificadas, são transmitidas com a utilização concomitante de dois canais distintos, a imagem e o som, cada um deles podendo abrigar diferentes códigos (MELLO, 1980, p. 10).

Dentro dos elementos som e imagem, podem ser explorados diversos artifícios como o uso do preto e branco, do silêncio, de ruídos, de imagens figurativas e abstratas, trilhas sonoras e efeitos especiais. Esses mecanismos permitem que a mensagem seja transmitida ao público de forma clara e sensorial.

Estamos falando de audiovisual, a qual se define como uma linguagem de síntese. Pode também ser caracterizado como um amálgama que reúne com a mesma intenção de expressar ideias, juízos, pensamentos, as imagens e os sons captados pelas câmeras, as cores, a palavra escrita, o movimento. (COUTINHO, 2006, p. 9)

A diferença básica entre o audiovisual e outras formas de comunicação é que ele pode provocar estímulos e reflexões que são improváveis em outros meios de comunicação em massa que não se utilizam da tríade visual, sonora e verbal, que

são caracterizadas como linguagem audiovisual. De acordo com Mello (1980), o audiovisual “resulta numa comunicação eficiente, sendo um meio eficaz contra o intelectualismo, contra o coletivismo, a massificação e a despersonalização” (p. 2). Recursos audiovisuais são utilizados em diversos campos. Essa linguagem assume papel educativo, informativo, publicitário e de entretenimento, muitas vezes.

O cinema e a televisão se destacam entre as formas de divulgação de produções audiovisuais. O cotidiano das pessoas carrega fortemente esses elementos. Produtos audiovisuais como telejornais, novelas, filmes, programas de auditório e entrevistas estão nas casas da maioria da população diariamente. Além disso, o surgimento e a evolução da internet possibilitaram que vídeos tivessem um alcance muito amplo, e atualmente as pessoas podem assistir no local e horário que escolherem.

Vivemos em um tempo no qual, praticamente, todas as pessoas são “alfabetizadas” audiovisualmente. Vivemos imersos em um mundo de imagens, sobretudo os habitantes das cidades. A linguagem audiovisual nos é familiar, corriqueira, comum. (COUTINHO, 2006, p. 20)

Cada vez mais uma parcela maior da população tem acesso a *tablets*, *smartphones*, câmeras e televisões modernas. Isso possibilita que não só as pessoas tenham fácil acesso a conteúdos, mas também os produzam sem dificuldades. De acordo com Pires (2010), “o sujeito contemporâneo tornou-se espectador e produtor de suas próprias mensagens”. Isso alia produções audiovisuais ao dia a dia de milhares de pessoas a todo momento, e a tendência é que essa forma da comunicação seja cada vez mais explorada daqui pra frente.

Com o surgimento do cinema e a chegada da televisão, a iniciativa de filmar materiais informativos ficou latente. Por algum tempo, o cinema foi uma forma de transmitir notícias, mas com a necessidade do imediatismo e proximidade dos espectadores, surgiu o telejornalismo. No Brasil, por volta dos anos de 1950.

O jornalismo de televisão é uma forma de produto audiovisual que também está inserido no dia-a-dia dos brasileiros. Os telejornais, por exemplo, fazem parte da programação da TV Brasileira cumprindo uma determinação legal, que estipula que as emissoras devem dedicar cinco por cento do horário da programação diária aos programas noticiosos. A informação na TV tem o papel de oferecer ao público

fatos relevantes dos últimos dias ou horas, utilizando som e imagens em formato que se consolidou desde os anos de 1950.

Por suas características como meio de divulgação, que combina som e imagem, a televisão tem uma maneira própria de transmitir a informação. A linguagem, o tempo e o ritmo são peculiares, se comparados a outros meios de comunicação. (CURADO, 2002, p. 19)

A comunicação pela TV exige simplicidade e instantaneidade para a compreensão. Pelo fato do público não estar lendo uma notícia, cada espectador não tem a opção de voltar atrás para recuperar uma informação perdida. Por isso, a clareza e a precisão na informação são regras básicas do telejornalismo.

3 O QUE É UM DOCUMENTÁRIO?

O documentário é considerado, por autores e produtores de conteúdo audiovisual, um gênero cinematográfico que tem, entre as características, a aproximação com a “realidade”, ou um distanciamento da narrativa de ficção. Trata-se de um material que tem a disposição de recortar os fatos e convencer o público de que aquelas cenas não foram ensaiadas antecipadamente. Sob esse contexto, há uma relação com o jornalismo no que consiste em compreender fatos, interpretá-los e guiar narrativas com “personagens”. Só que, no gênero, tem-se a premissa de que são personagens reais.

O gênero surgiu na década de 1920 com a inquietação dos pioneiros do cinema, e a descoberta de novos limites utilizando imagens fotográficas. De acordo com Nichols (2007), a comprovação se dá em diferentes níveis interpretativos e que conduzem em busca do real, mas é cinema. “A notável fidelidade da imagem fotográfica ao que ela registra dá a essa imagem a aparência de um documento” (NICHOLS: 2007, p. 117).

O mesmo autor acrescenta que todo filme é um documentário por se tratar de uma representação de culturas. Ele evidencia quem o produz e as pessoas que fazem parte dele. O autor caracteriza os documentários como “documentários de representação social”, e os filmes de ficção como “documentário de satisfação de desejos”. Nos filmes de representação social, é retratada uma verdade sob a perspectiva do cineasta. São expostas novas visões do que entendemos como mundo real. Já no caso do documentário de satisfação de desejos, são explorados novos e imaginários mundos.

Ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos nos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. (NICHOLS, 2007, p. 47)

O gênero documentário é uma forma de narrativa que se utiliza de sons, imagens, ruídos, músicas e silêncio, e se depara com a propaganda e o jornalismo.

Além disso, ele traz à tona três histórias misturadas: a do próprio filme, a do público e a do cineasta que o produziu.

3.1 Os tipos de documentário

Nichols (2007) divide o documentário em seis modos: o poético, o expositivo, o observativo o participativo, o reflexivo, e o performático. Apesar disso, ele explica que um filme não precisa se identificar totalmente com apenas um dos modos.

Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de um dado modo funcionam como dominantes num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. (NICHOLS, 2007, p. 136)

Os modos são apresentados pelo autor de acordo com a cronologia do surgimento de cada um, mas ele também explica que um filme atual pode se voltar para um modo considerado mais antigo. O primeiro modo exposto é o poético, característico dos anos de 1920. O modo enfatiza mais o estado de espírito do que exibição de conhecimento, o que o torna muito abstrato e sem especificidade.

Em seguida, o autor (Nichols, 2007) apresenta o modo expositivo. “Este modo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética”. Ele explica que cada modo surgiu de acordo com a insatisfação dos cineastas referente ao modo anterior, então o surgimento do modo expositivo mostra que ele tenta suprir carências apresentadas no modo poético, sendo essencialmente didático. Sobre o modo expositivo, Nichols considera:

Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham papel secundário. Elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito. (NICHOLS, 2007, p. 143)

O terceiro modo apresentado é denominado observativo. Os avanços tecnológicos da década de 1960 proporcionaram aos cineastas uma nova forma de construir seus filmes. Os equipamentos que podiam ser facilmente carregados e que

sincronizavam som e imagem com facilidade possibilitaram que os profissionais da área intervissem menos no produto, e observassem mais. Isso resultou em filmes sem efeitos, com mais uso do silêncio, sem legendas e até sem entrevistas, o que pode ocasionar falta de contexto.

Este modo traz consigo desafios, como as questões éticas ao observar e retratar o outro. A presença de uma câmera, ainda, pode provocar distorções da realidade, e para contornar isso o cineasta se confunde quando deve tentar parecer invisível e quando deve intervir nas gravações.

O modo participativo surge para contrapor o observativo. Nele, a presença de entrevistas e interações entre cineastas e personagens é muito forte. De acordo com o autor, “a entrevista representa uma das formas mais comuns de encontro entre cineasta e tema”.

O cineasta desce o manto do comentário com voz-over, afasta-se da meditação poética, desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro. (NICHOLS, 2007, p.154)

Os filmes reflexivos tentam mostrar ser convincentes ao apresentar seus conteúdos. Eles querem convencer da veracidade e autenticidade da própria representação cinematográfica. Além disso, eles tratam do realismo. Este modo é questionador, e tenta ainda adaptar as deduções e expectativas dos espectadores. Assim como o modo poético, o reflexivo tende a ser abstrato em muitos casos.

O documentário reflexivo tenta reajustar as suposições e expectativas de seu público e não acrescentar conhecimento novo a categorias existentes. (NICHOLS, 2007, p. 166)

O modo performático contrapõe o reflexivo no que diz respeito à maioria das características. O novo modo, que surge na década de 1980 enfatiza a subjetividade presente na memória e experiência do público. Ele desvia a ênfase do modo realista de apresentar o mundo e acaba se aproximando um pouco do modo poético por sua forma de representação. Estes filmes objetivam lembrar que o mundo vai além das evidências visíveis por cada um de nós.

Os documentários performáticos dirigem-se a nós de maneira emocional e significativa em vez de apontar para nós o mundo objetivo que temos em comum (NICHOLS, 2007, p. 171)

Neste gênero documental, Nichols destaca que a sensibilidade do cineasta é importante para estimular a do público, provocando assim, maior envolvimento de cada espectador na representação do mundo histórico.

3.2 Diferença entre documentário e reportagem:

De acordo com Ramos (2013), a narrativa do documentário e das atualidades é diferente, primeiro por conta do contexto histórico. Ele explica ainda que o nome contemporâneo dado para a narrativa atualidades é reportagem. No início do século 20, existiu o esforço de romantizar e dar um cunho artístico para o documentário. Quando surgiu, a nova forma artística visava dar um tratamento criativo para as atualidades e utilizá-las como matéria prima. O autor diz que “O documentário é arte e não mera atualidade”. (PESSOA: 2013, p. 57)

Hoje a questão artística não é mais discutida, mas podemos perceber claras diferenças entre os gêneros. O documentário concede mais importância para o viés autoral, e a reportagem não oferece tanto espaço para isso. Ele geralmente tem a participação de profissionais especializados em roteiro, som e imagem, que podem tratar o conteúdo de forma mais trabalhada. A reportagem ainda se articula dentro de um programa denominado telejornal, com a presença de um jornalista que apresenta o programa em que ela está contida e um repórter. Ambos, apresentador e repórter, são figuras ausentes no formato documentário.

O programa telejornal é composto pela sucessão de notícias, sem haver propriamente uma narrativa que articule sua unidade no todo. Ao contrário da reportagem do programa telejornal, o documentário não está vinculado a acontecimentos cotidianos de dimensão social que denominamos notícia. (RAMOS, 2013, p. 59)

Melo, Gomes e Morais (2001) explicam que a profundidade e a duração do documentário, que parecem ser sempre maiores que na reportagem, são diferenças muito relativas e “esse critério de diferenciação é muito simplista”. O documentário

se caracteriza pela atemporalidade, tendo assim uma menor urgência de divulgação. Além disso, a presença de documentários é rara em canais de TV aberta, porque geralmente esses canais são pautados pelos factuais, as reportagens.

Ao contrário da produção de notícias e reportagens, o documentário necessita de um envolvimento exclusivo dos profissionais que trabalham em sua execução e um maior tempo de elaboração. Isso implica aumento de custos para as TVs, que nem sempre se mostram dispostas a pagar pelo preço desse trabalho, o que nos leva a supor que há uma relação forte entre a estrutura organizacional das empresas de televisão e a maior ou menor presença de determinados gêneros jornalísticos em sua programação. (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p.2).

Outro ponto de distanciamento entre os gêneros é o grau de envolvimento dos profissionais que trabalham na produção de um documentário, que geralmente é maior que na reportagem. Para as autoras, “ao contrário da produção de notícias e reportagens, o documentário necessita de um envolvimento exclusivo dos profissionais que trabalham em sua execução e um maior tempo de elaboração” (MELLO; GOMES; MORAIS, 2001, p.2)

4 O PERSONAGEM

Personagem é um ser que atua em uma história, seja em um documentário ou em outros tipos de obras como teatro, desenhos animados ou filmes de ficção. Ele pode ser uma pessoa ou qualquer outra coisa personificada, que carregue características de um ser humano, como um animal ou objeto. Em trabalhos jornalísticos, geralmente são utilizados personagens reais, que realmente existem ou existiram e estão sendo reproduzidos. Apesar disso, um personagem também pode ser fictício, criado pela imaginação do autor.

Personagens não devem ser confundidos com pessoas. Ainda que as realidades mantenham um relacionamento íntimo, o espaço habitado pelos seres humanos é diferente do dos personagens. Em *A Personagem*, Brait (2006) explica que “o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras”, é “um ser de papel”. O personagem pode representar pessoas reais, mas se utiliza das modalidades da ficção.

Beth Brait (2006) em *A personagem* diz ainda que os autores apontam quatro funções que podem ser desempenhadas pela personagem: elemento decorativo, que é o que não tem função particular e nem participa da ação, mas mesmo assim não deixa de ser indispensável. O personagem agente da ação, que se faz mais presente na trama, o porta-voz do autor, que desempenha a função de narrar as experiências projetadas por um autor, e o personagem com forma própria de existir, sentir e perceber o mundo. Este último é o ser fictício.

Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis seus movimentos. (BRAIT, 2006, p. 52)

Em documentários, muitas vezes o personagem é uma fonte que abastece o cineasta de dados para construir o filme. Ao tentar “dar voz ao outro”,

documentaristas dão espaço para personagens em suas obras. Nilson Lage explica isso em *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*:

Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. (LAGE, 2008, p. 49)

A relação entre o cineasta e o “outro”, que chamamos de personagem, torna possível a difusão de histórias para que o público se identifique nas semelhanças e diferenças entre a vida de cada um e a que está sendo contada. Alfredo Dias D’Almeida explica essa relação em *O processo de construção de personagens em documentários de entrevista*:

A nossa identidade só pode ser construída numa relação de alteridade: quando me deparo com alguém diferente, e busco não explicá-lo, mas compreendê-lo, é que acabo reconhecendo, por contraste, a mim mesmo. É na troca, ou no diálogo com o outro, que o “eu” passa a se constituir. (D’ALMEIDA, 2006, p.10)

Na narrativa jornalística, personagens e pessoas físicas se relacionam diretamente, porque eles são pessoas reais. Apesar disso, o público só vai conhecer o que a mídia apresentou sobre o personagem. Os receptores de conteúdo jornalístico conhecem histórias de pessoas da forma que é construída e veiculada através dos critérios jornalísticos que cada cineasta julga pertinente.

Algumas vezes, os personagens são narradores ao mesmo tempo. O narrador-personagem descreve a história em primeira pessoa, e expressa sentimentos de forma muito intensa e direta. A familiaridade desse tipo de narrador com a história traz à tona detalhes e traduz acontecimentos que um narrador distante não conseguiria apresentar. Apesar disso, o ponto de vista apresentado na obra pode ser muito limitado. Em *A análise pragmática da narrativa jornalística*, Luiz Gonzaga Motta explica que “No caso do jornalismo sabemos que a personagem representa uma pessoa com existência real. A pessoa real é sempre irreduzível às narrativas que se contam a seu respeito.” (MOTTA, 2004 p.7)

Quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior. Cada um desses discursos procura presentificar a personagem,

expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o “vivido”. (BRAIT, 2006, p. 61)

A relação que surge entre o cineasta e o personagem, a interação entre eles, e a forma com que o personagem se porta e se expressa em frente a uma câmera fazem de cada personagem único. Tudo contribui para evidenciar as peculiaridades do personagem.

5 A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO

O roteiro de qualquer filme é uma sequência de cenas estruturadas e detalhadas, contendo as imagens e sons, legendas e até créditos. Em filmes de ficção, geralmente o roteiro é construído no início da produção, prevendo todas as cenas. Já em um roteiro de documentário com uma história real, muitas vezes o que vai acontecer no filme é imprevisível, e então o roteiro é elaborado baseado na organização do filme, e não nos diálogos e narrações. O roteirista tem o papel de organizar as informações da produção de forma que façam sentido, e na melhor sequência possível.

Fazer um documentário é um exercício de construção de um modelo. Um roteirista é um arquiteto de filmes. Por isso é importante o roteirista participar do processo desde o início. (HAMPE, 1997, p.1)

Escrever um roteiro de um filme significa pensar em imagens, posicionamento de câmeras, narração, diálogos e no começo, meio e fim da trama para que a sequência faça sentido. Antes das gravações, o roteirista faz um trabalho de pesquisa e planejamento, visitando os locais onde as gravações devem acontecer, conversando com as pessoas que devem participar e planejando os melhores momentos para a captação de cada imagem.

Mapear e fazer um cuidadoso estudo dos locais de filmagem pode ser útil para prevenir possíveis imprevistos ou problemas técnicos relacionados à iluminação e captação de som, além de fazer com que o documentarista se familiarize mais com o universo abordado. (PUCCINI, 2009, p. 183)

No documentário, o roteiro pode ser substituído pelo tratamento. Isso deve ser feito quando o cineasta não tem ideia do que vai acontecer em cada cena. De acordo com Hampe, o tratamento “coloca a ideia geral do documentário de forma suficiente para que seja entendido, mas flexível o suficiente para permitir mudanças criativas” (1997, p.4).

O tratamento contém informações como a ideia principal do filme, dados sobre os personagens, o foco de interesse no início, meio e fim do documentário, e uma noção das principais ações, conflitos e resoluções pretendidos.

Ao escrever um documentário sobre comportamento, a ênfase está na organização e visualização e não na narração escrita ou no diálogo. Para um documentário de comportamento ou de evento único, um tratamento amplo muitas vezes toma o lugar de um roteiro. O tratamento mostrará o que você deve saber, o que você deve procurar e como usar essas coisas no documentário que você está planejando (HAMPE, 1997, p. 4).

Em um roteiro, não se faz necessário detalhar movimentos e ângulos de câmera, a menos que isso seja fundamental em algum trecho do filme. Geralmente ele traz o que acontece em cada cena e deixa a cargo do diretor decidir como enquadrar a câmera.

A estrutura do roteiro deve ser bem construída, e deve-se lembrar que o roteiro de documentário é muito diferente do de um filme de ficção. “Uma má estrutura é pior que um texto mal escrito, uma má filmagem, ou uma má atuação. Pode fazer você perder seus espectadores, antes mesmo de começar o filme”. (HAMPE: 1997, p. 2)

Um documentário normalmente não tem a estrutura comum dos filmes de ficção, com pontos de virada (plot points), barreiras, e outros elementos estruturais com o intuito de avançar a trama. Mas um documentário tem a mesma necessidade estrutural, que é manter o público interessado, do início ao fim do filme. (Ibidem)

O início de qualquer filme deve esclarecer o tema, mostrar coisas inesperadas ou fazer uma pergunta. Devem também ser apresentadas as principais pessoas envolvidas. Depois de dar uma noção do assunto, devem ser apresentados elementos conflituosos. É uma tensão estrutural que deixa dúvidas sobre como será o desfecho do documentário e mantém o público interessado.”, explica Hampe (p. 3).

A parte final do filme resolve os conflitos anteriormente apresentados. Esse estágio do conteúdo deve amarrar todos os pontos que ficaram soltos durante a trama. Ao estruturar um roteiro, deve-se prestar atenção às características de início, meio e fim, para ter sucesso na produção.

Um roteirista deve ter em mente que principalmente em um documentário, onde muitas imagens não são pensadas previamente, a quantidade de material bruto é muito grande, com proporções que devem diminuir consideravelmente. Isso faz com que a montagem do filme se prolongue. De acordo com Puccini (2009), “O resultado de uma boa filmagem ajudará também na condução da montagem.”

6 DIÁRIO DE BORDO

Muito antes de começar o Trabalho de Conclusão de Curso, eu sabia que queria fazer um documentário sobre uma história marcante e inspiradora, e ao conversar com a Dona Linda Mar, tive certeza que era ela a pessoa ideal para ilustrar este trabalho. Foram feitas reuniões com a entrevistada por duas vezes antes de começar a serem filmadas as gravações, nos dias 13 e 22 de agosto de 2015.

Nesses dias, tive a preocupação de convidá-la e explicar meu intuito com esse documentário. Expliquei o que eu esperava do filme e como ela participaria na prática. Realizei a pré-entrevista para avaliar como poderia elaborar os questionamentos a fim de conseguir a melhor condução e as respostas mais relevantes para se recontar uma história em um curta metragem. Linda Mar seria o fio da narrativa. Foram dois dias em que conversamos por quatro horas. Quanto maior era a aproximação, verificava que era grande a possibilidade de que a personagem tivesse confiança no trabalho.

Os quatro filhos da personagem também se mostraram abertos a ajudar. Assim, nós marcamos o primeiro dia de gravações, 25 de agosto. Para as filmagens, tive a ajuda de um amigo e repórter cinematográfico, o Dênio Gonçalves. No primeiro dia, sentamos Dona Linda em um sofá e pedimos pra ela contar a vida inteira dela, sem economizar nos detalhes, e então começamos a ter ideias de imagens que faríamos posteriormente para cobrir trechos da fala da protagonista. Foram três horas de trabalho com anotações pormenorizadas.

No dia 30 de agosto, ouvi todo o depoimento de Linda Mar, e passei para o papel, a fim de separar as partes mais importantes e deletar o que não entraria no filme. Julguei esta uma das etapas mais difíceis, porque muitas coisas me pareciam relevantes, e eu teria que cortar dois terços do material para caber no tempo estabelecido para o documentário.

O segundo e terceiro dias de gravação, dias 2 e 10 de setembro, também foram na residência de Linda Mar. Colhemos depoimentos dos filhos, fizemos

imagens de apoio e da fachada da casa dela, de fotografias antigas, e deles brincando, fazendo tarefas domésticas e conversando.

O maior desafio encontrado foi ter ideias de imagens para cobrir o longo depoimento da protagonista. Na faculdade, dialoguei com o professor orientador sobre como isso poderia ser feito, principalmente porque Linda Mar apresentou apenas dez fotografias antigas. Durante nossos encontros debatemos muito isso.

Dia 16 de setembro foi o quarto dia de gravações. Fui novamente até a casa de Linda Mar, fiz imagens da fachada da casa, e algumas das imagens que seriam utilizadas na abertura do filme. Combinamos que Linda Mar abriria a porta da casa como se estivesse convidando o telespectador a entrar e ouvir sua história. Fizemos essa imagem quatro vezes até que houvesse maior naturalidade. Sob esse aspecto, pode-se refletir sobre a importância da produção em um filme documentário. Neste dia, gravamos também a parte que a protagonista finaliza seu depoimento, falando o nome inteiro e idade. Explicamos que esse trecho faria parte do final do filme, como uma conclusão.

No dia 25 de setembro comecei a estruturar o roteiro definitivo do filme. Com a ajuda do professor orientador, estruturamos um esboço de cada trecho do filme. Ele foi construído com base no material de imagens que já haviam sido feitas. No roteiro, pude perceber que ainda precisaria fazer mais filmagens, e pensar em imagens para cobrir o depoimento de Linda.

No dia 30 de setembro fui ao Arquivo público do DF para solicitar imagens antigas do Distrito Federal, sendo que o principal interesse seria de lugares em que a personagem teve passagem. Fui prontamente atendida e as fotografias que eu precisava foram cedidas.

A edição do documentário começou no dia 12 de outubro. Ela foi feita no meu computador, no programa Adobe Première. Com a ajuda do Jaime Martins, editor de vídeo e colega, separamos as imagens na ordem prevista no pré-roteiro do filme. Mesmo sem ter todas as imagens, pudemos ter ideia de tempo geral do filme, e por isso precisei cortar várias partes que estavam previstas inicialmente.

As últimas filmagens do documentário foram feitas no dia 22 de outubro. Eu e o Dênio fomos com Dona Linda até a rodoviária para gravar as imagens de abertura do filme. Combinamos que ela precisaria falar uma frase para contextualizar o documentário, e fizemos imagens de pessoas circulando também para a parte inicial da trama.

Entre os dias 28 de outubro e 13 de novembro trabalhamos apenas com a edição do filme. Com a ajuda do editor de vídeo e do meu orientador, escolhemos trilhas sonoras, efeitos de imagens e detalhes. No dia 14 de novembro foi finalizado o documentário.

CONCLUSÃO

Como resumir a vida de uma pessoa em minutos sem haver injustiça ou superficialidade? A pergunta que aterroriza o produtor de filme é a base da angústia de todo o processo. A vida não é uma sequência limpa e exata de imagens e a memória da personagem, a verdadeira roteirista, segue por becos ainda indecifráveis.

No início de 2015 conheci Linda Mar, e desde então venho refletindo sobre valores que aprendi com ela. A vontade de fazer mais pessoas conhecerem de perto a história dessa mulher me fez persistir em fazer um trabalho em vídeo, para que ela mesma pudesse se expressar. Dar voz à Linda foi a escolha. Eu não imaginei que ela se expressaria tão bem, inicialmente. A experiência de produzir esse documentário foi mais enriquecedora em diversos sentidos, além de tudo que aprendi com o testemunho da protagonista e com a utilização da memória da personagem como discurso narrativo.

A escolha por um produto jornalístico demanda tempo e planejamento. No caso do gênero documentário, o fato do bom resultado do trabalho não depender somente do cineasta torna a experiência desafiadora. A pré-produção foi uma etapa crucial, onde se pôde prever os problemas e possíveis dificuldades durante a produção do filme, e foi decisiva para o resultado do trabalho.

Um grande desafio de qualquer documentarista é pensar em imagens. Além das informações, deve se pensar em como traduzi-las para imagens de forma que fique claro e leve. Nesse documentário, tive ainda mais dificuldade porque o depoimento da protagonista é longo com muitas lembranças que ficaram no passado, o que torna difícil de transformar em imagem.

Na produção desse filme foi importante também assistir a documentários brasileiros, sobre vulnerabilidades sociais, que são considerados referências. Eles puderam abrir os horizontes e dar ideias de qual seria o melhor formato e abordagem para o trabalho.

Com o filme pronto, a angústia não foi dissipada. Linda Mar continuará amanhã com os mesmos desafios de criar os filhos só que sem a companhia da câmera ou das perguntas impertinentes e íntimas de uma estudante de jornalismo. Estará lá sem holofotes a lembrar do caos, dos desígnios inexplicáveis do destino, da força não identificável da natureza que faz alguém, em meio ao drama das lembranças, dizer-se feliz. O filme não é justo, trata-se de um compilado arbitrário, um sopro em meio à ventania que é a vida de cada um de nós. Um suspiro de socorro para ela, e uma mão ao encontro de fotogramas. Como pode ser um disco? Não o é. A história de Linda Mar pode se refazer e mais pessoas se reencontrarem com o imponderável. Alegria de terminar um filme não é maior do que a angústia de saber o que mais cada um de nós pode fazer diante das injustiças nossas de cada dia.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11_audiovisuais.pdf> Acesso em 24 set. 2015.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. **O processo de construção de personagens em documentários de entrevista**, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0147-1.pdf>> Acesso em: 21 set. 2015.

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**, 1997. Disponível em: <<http://lsgasques.blogs.unipar.br/files/2008/05/escrevendo-um-documentario.pdf>> Acesso em 1 de out. 2015.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MELLO, Cristina de; GOMES, Isaltina; MORAIS, Wilma. **O Documentário como Gênero Jornalístico Televisivo**, 1999. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/e969053bfccdc7be14f5e0a009b95215.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2015.

MELLO, Paulino Cabral de. **Audiovisual: Linguagem e Técnica**. Rio de Janeiro: Sono-Viso, 1980.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>> . Acesso em: 20 set. 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 2. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2007.

PIRES, Eloísa Gurgel. **A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a06v36n1.pdf>> Acesso em 27 set. 2015.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao roteiro de documentário**, 2009. Disponível em <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_serjio_puccini.pdf> Acesso em 1 de out. 2015.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** 2. ed. São Paulo: Senac, 2013.

ROTEIRO

CLÍPE COM IMAGENS DE BRASÍLIA, COM PESSOAS ANDANDO NA RODOVIÁRIA. (0'00''a 0'19'')

IMAGEM SE APROXIMA EM LINDA MAR (00'19' a 00'37'')

GC – BRASÍLIA – DF (00'33''a 00'37'')

LINDA MAR – MEU DEUS, PARECE QUE FOI ONTEM QUE EU CHEGUEI AQUI (00'37''a 00'42'')

GC COM O TÍTULO – LINDA MAR – A surpreendente história de uma mulher com adjetivo no nome e duros verbos para conjugar. (00'42''até 00'50'')

IMAGEM FACHADA DA CASA DE LINDA MAR (00'50''a 00'54'')

GC – TAGUATINGA – DF (2015) (00'50''a 00'54'')

IMAGEM DE LINDA MAR ENTRANDO EM CASA E ESCRREVENDO O PRÓPRIO NOME (00'54''a 1'07'')

PRIMEIRO BLOCO – INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (1'09''a 5'18'')

LINDA MAR - Eu nasci em Itapetinga na Bahia. Minha mãe trabalhava na fazenda, e eu tenho 20 irmãos. Só que a minha mãe era casada e o marido dela faleceu, aí ela teve um caso com o dono da fazenda que ela trabalhava, e esse dono da fazenda era meu pai. Só que ela arrumou um homem e veio embora pra Brasília quando eu tinha 1 ano de idade. E eu não sabia de nada. Esse homem veio, me registrou, era meu pai. Aí quando eu fui crescendo eu comecei a ver aquelas coisas erradas, comecei a ser mulher dele. Antigamente a gente não podia denunciar, a gente não podia falar com ninguém porque a gente tinha medo, a gente era ameaçado e tudo. (1'09''a 2'04'')

GC – No ano de 2014, por exemplo, foram registradas quase três denúncias a cada hora relativas a abuso sexual pelo “Disque 100” (2'04''a 2'11'')

LINDA MAR – Então assim, eu fui criada por ele, mas na realidade eu fui mulher dele dos 3 anos aos 20 anos. (2'11" a 2'21")

IMAGENS DO NÚCLEO BANDEIRANTE E DE CEILÂNDIA, LOCAIS CITADOS PELA PERSONAGEM. (2'21" A 3'00")

LINDA MAR - Eu vim pra cá, morei no Núcleo Bandeirante, que é a vila do API, que era a invasão, aí meu irmão nos trouxe de lá, e depois nós fomos morar pra baixo do P Sul, porque não tinha P Sul. Aí começou uma vida muito judiada. Quem construiu o P Sul foi eu e meus irmãos, porque ele fazer a gente quebrar pedra pra encher caminhão de areia pra mandar pro P Sul, pra construir as casas. Então assim, com vinte anos eu fui me acordar pra vida. Aí um dia, eu lavava roupa pra fora com a minha mãe, só que minha mãe sabia de tudo. Então quando chegava gente em casa era quando eu ia dormir com ela. Eu tinha que dormir com ele, inclusive ele fez um quarto dentro do quarto dele pra eu poder passar. Pra eu sair do meu quarto, eu tinha que passar dentro do quarto dele e da minha mãe. (2'21" a 3'39")

IMAGENS DE UMA JANELA PEQUENA (3'39" a 3'57")

LINDA MAR - Ele me trancava no quarto e a janela era muito pequena, do tamanho de uma janela de banheiro. E ele obrigada a minha mãe a colocar comida por baixo da porta pra eu poder comer, e minha mãe fazia isso. Eu não sei porque a minha mãe era muito apaixonada por ele. (3'39" a 3'57")

LINDA MAR – Ela chorava quando ele arrumava outra mulher fora, entendeu? E assim, ele arrumava mulher fora, e tanto botava doença de rua em mim como na minha mãe. Um dia eu fui no dentista, e o dentista perguntou assim: você é mulher de programa? Eu falei assim: não. E ele falou: porque você tá com a cara toda roxa? Porque ele me dava porrada mesmo, sabe? E aí eu cheguei e ele foi logo me xingando e tudo, só que a minha cunhada já tinha me encorajado, aí eu falei com ele. Aí ele veio em cima de mim. Quando ele veio em cima de mim eu peguei um pedaço de pau, aí eu virei gente. Aí tinha um senhorzinho, que ele me viu nascer, e ele chorava muito. Tinha uma vizinha que ela chorava demais. Ela ia lá em casa e chorava de me ver apanhando e tudo. (3'57" a 4'44")

IMAGENS DE MÃOS COLOCANDO ROUPAS DENTRO DE UM SACO (4'44" a 5'18")

LINDA MAR – E aí nesse dia eu peguei um saquinho e botei minhas roupas dentro, e falei que ia embora. E minha mãe tinha pego uma criança pra criar, tinha 14 anos, e ela também quando viu que eu vinha embora, veio atrás, entendeu? Aí esse senhor botou na bicicleta minhas roupas e eu vim embora sem ter onde morar, sem saber de nada, porque os meus irmãos não queriam saber de mim. Aí eu peguei e vim embora, e trouxe o menino também junto, e minha mãe veio junto também. (4'44 a 5'13")

SEGUNDO BLOCO – PRIMEIRO CASAMENTO (5'18" a 7'40")

LINDA MAR - Aí eu me casei. Adivinha com quem eu me casei? Me casei com traficante, assaltante de banco. Roubava, vendia drogas. Eu tinha 25 anos. O meu padrasto ficava atrás de mim pra me matar né, então eu arrumei um traficante pra me defender. Né? Mas aí foi 15 anos no inferno. Foi 15 anos sendo violentada de novo, quando não queria, 15 anos sendo espancada de novo, perdi dois filhos com 9 meses porque ele me batia muito. (5'23" a 6'09")

GC – Em 2014, por exemplo, a central de atendimento à mulher realizou 485.105 atendimentos referentes à violência doméstica (6'09" a 6'17")

LINDA MAR – Um dia ele passou três dias e três noites me batendo sem parar, e eu grávida de oito meses. Com nove meses o neném nasceu e morreu. Na outra vez eu estava grávida de gêmeos, e eu estava na moto com ele, ele me jogou pra fora da moto. Eu caí e fui parar no hospital e fiquei internada muito tempo. Aí dessa dor eu engessei o corpo todinho, e ficou só os dedinhos do pé. (6'18" a 4'45")

IMAGENS DO HOSPITAL DE BASE (6'45" a 7'16")

LINDA MAR – Ninguém sabe o que que foi. Eu fiquei oito meses parálitica, pesando 45 kg, você não podia mexer em mim de jeito nenhum. Eu engessei o pescoço, do pescoço engessei os braços, dos braços engessei o tórax, e foi descendo. E ele simplesmente chegava em casa com as amantes, chegava e saía. Me deixou 16 dias dentro do quarto, e eu fedia. (6'45" a 7'11")

LINDA MAR – Depois disso tudo aí, eu morava nesse quartinho que eu te falei, nessa casona que eu te falei. Aí meu irmão arrumou uns traficantes e mandou me roubarem. Um dia eu estava lá, quando pensa que não os traficantes invadem a minha casa. Tudo armado, tudo com uma 380. Lá vai eu de novo com uma 380 na cabeça. Né. É engraçado, tem hora que eu morro de rir da minha vida mesmo. Aí levaram tudo, tudo que eu tinha. (7'16" a 7'40")

TERCEIRO BLOCO – SEGUNDO CASAMENTO (7'40" a 10'48")

LINDA MAR – E em Samambaia, eu conheci esse abençoado. Ele estava jogando bola lá. E eu lá, montei um barzinho. Fiz um barzinho. (7'44 a 7'54")

FOTOGRAFIA ANTIGA DA PERSONAGEM (7'55" a 8'00")

LINDA MAR - Trabalhava de segunda a sexta, sexta a noite abria o barzinho, e sábado e domingo trabalhava no barzinho. Imagina? Vendia cachacinha, cervejinha, pra poder ajudar. Porque além de ajudar eu, ainda ajudava um velhinho com oito filhos que não trabalhava. Aí conheci esse rapaz. Conheci e com 3 meses já estávamos morando junto. É o pai dos meninos. Foi muito bom pra mim, nunca me bateu, nunca falou alto comigo, criou Vanessa e Marco. (7'55 a 8'26")

IMAGENS DOS FILHOS MAIS VELHOS (VANESSA E MARCO) (8'22" a 8'30")

GC- Os filhos mais velhos preferiram não dar depoimento. (8'23" a 8'29")

LINDA MAR- E aí o que que aconteceu? Eu trabalhava na casa de uma doutora, trabalhava na Só Frango e fazia faxina. Aí a doutora falou assim: Dona Linda Mar, eu estou abrindo o banco de dados lá do Hmib. (8'26" a 8'38")

IMAGENS DO HMIB (8'38" a 8'57")

LINDA MAR - Vamos fazer um filho pra ele. Já que ele tá criando os filhos da senhora. Vamos fazer UM filho, aí eu: tudo bem né.. Mas eu não sabia também que em toda essa história que eu era a cobaia dessa história. (8'38 a 8'54")

LINDA MAR - Porque eles nunca tinham pegado ninguém. Pegaram eu, a Dona Linda Mar, a faxineira. Vamos pegar ela porque é bestinha, não sabe de nada. E

pegaram. Fiz os exames todos, não paguei nada. Tomei 40 injeções, eu mesma que aplicava. Ele queria um filho, e criava meus filhos. Era muito educado, respeitador, nunca me bateu, sempre me tratou muito bem. E eu dei um filho. Quando pensou que era um filho, foi lá tirou o espermatozoide, e botou. Com 15 dias lá fui eu, e falaram: Dona Linda Mar, a senhora está grávida de 5. Eu disse: cinco? E caí dura lá. Ele estava trabalhando, lavando piscina lá, eu liguei e falei. E ele desmaiou lá. Desmaiou né? Porque imagina eu falar: cinco? Cinco. Caí dura. (8'58" a 9'55")

IMAGEM DE FOTOGRAFIAS ANTIGAS DOS QUADRIGÊMEOS (9'52" a 10'22")

LINDA MAR – Aí quando pensa que não, nascem cinco meninos. Não tinha onde morar, morava de aluguel em uma casa que antes de chover já estava tudo molhado. E começou o nosso sofrimento, e ele não aguentou. A psicóloga falou pra mim: ele não vai aguentar. Homem nenhum aguenta. Todas as pessoas que eu pesquisei, até as mulheres do Rio de Janeiro que tiveram 5 nenéns, o marido foi embora. Ele falava assim: vamos viajar, como eu ia sair com os meninos? Vamos ter sexo. Como sexo com um monte de menino? Vamos comer uma pizza, como com um monte de menino? Aí ele pegou e arrumou uma mulher que não tinha ninguém né. Me deu cinco filhos, uma faleceu porque se ficasse viva era pior do que Esther. (9'56" a 10'47")

QUARTO BLOCO – FILHOS (10'48" a 12'30")

LINDA MAR - A Esther teve lesão cerebral, hidrocefalia, os pezinhos tortos. (10'50" a 10'55")

IMAGENS DA ESTHER (10'54" a 11'05")

LINDA MAR - O Davi nasceu com a lesão cerebral que a gente pensou que tinha controlado, só que agora não controlou. Depois que começou a dar crise, o médico falou que aumentou a lesão dele. (11'05" a 11'15")

IMAGENS DO DAVI (11'05" a 11'19")

LINDA MAR - A Rebeca, eu pensei que ela só tinha uma tireoide, que ela era a mais feliz. Entendeu? Só que ela começou com essa agressividade, brigando com os

meninos, batendo nos meninos. Ela não fala, por exemplo, se ela chega do colégio e tá com dor de cabeça ela não fala. Ela vai pro colégio, senta, ela estuda. Se falar pra ela não ir pro colégio ela quebra a casa todinha. (11'19" a 11'44")

IMAGENS DA REBECA (11'19" a 11'49")

LINDA MAR - Aí a Marta já tá com esse problema na coluna, vai fazer uma semana e três dias que não vai pro colégio. Porque vão fazer uma cadeira adaptada pra ela poder sentar, porque ela não aguenta sentar nas do colégio. Isso tudo foi decorrência da lesão cerebral. E o médico me chamou e falou: Dona Linda Mar, não adianta a senhora se preocupar, todos eles podem dar epilepsia. (11'49" a 12'21")

IMAGENS DA MARTA (12'05" a 12'30")

QUINTO BLOCO – FUTURO (12'30" a 15'45")

LINDA MAR – Aí a noite, eles vão lá pra dentro. E a Esther fica ouvindo a “sofrência” dela, e ela ri. E quando passa uns rapazes bonitos na televisão, eu falo: Marta, corre aqui! E eu falo:: ai meu pai, ai Tézinha, um desse aqui no meio de nós duas... E elas falam: mãe, a senhora tem que tomar o remédio, tá muito assanhada. (12'31" a 12'58")

IMAGENS DA FAMÍLIA REUNIDA NO QUARTO (12'47" a 13'11")

LINDA MAR - Aí hoje eu estava arrumando a casa, eram 6 e meia da manhã e ele levantou. Aí ele disse: minha mãe, a senhora quer ajuda? Eram 6 e meia da manhã...Mas eu tô de olho nele. (13'12" a 13'30")

LINDA MAR - Eu falo pra Deus: Eu nunca fui feliz, nunca tive infância. (13'30" a 13'37")

IMAGENS DE UMA BONECA JOGADA NO CHÃO (13'36" a 13'44")

LINDA MAR - Mas eu sou feliz. Acho que meus filhos vieram pra me fazer feliz, sabia? Se eu não tivesse a Esther pra me beliscar, me deixar roxa eu não era feliz. As vezes eu falo: Deus, tanto menino aleijado... Aí eles começam a rir. Mas eles são todos felizes, uma pinta o olho, a outra pinta a boca.. E eu falo: vai minha filha, faz

de conta que tu é chique. Elas põe diadema no cabelo, bota o brinco do lado. E elas vão toda arrumadinha pro colégio, as meninas falam: ei marta, sua mãe é rica? Aí ela pergunta: por que? Aí eles: porque você só anda arrumadinha. Aí eu penso: sou rica porque tenho Jesus né. Não é o fato de eu ser pobre que meus filhos vão sujos pro colégio. Elas gostam de andar arrumadinhas né... (13'45" a 14'52")

IMAGEM DOS QUADRIGÊMEOS (13'48" a 14'11")

IMAGENS DAS FILHAS ESTENDENDO ROUPAS (14'52" a 15'00")

LINDA MAR - Isso aí é tudo roupa doada, mas eu lavo, passo, guardo, eles andam bem arrumadinhos. Então assim, eu não quero riqueza não. Uma coisa que eu não peço a Deus é riqueza. Só quero pagar minhas dívidas e viver feliz com meus filhos dentro da minha casinha, sabe? Não quero riqueza não, te juro como Deus tá no céu que eu não peço pra ser milionária, não quero nada disso. Eu pagando meu aluguel, minha água e minha luz, dando comidinha pros meus filhos comerem... (15'00" a 15'28")

MARTA – O nome da minha mãe é Linda Mar, ela é linda igual ao mar. Eu quero ser uma mãe igual a ela. (15'28" a 15'33")

RECEBA – Minha mãe se chama Linda, maravilhosa, Linda por dentro e por fora. (15'33" a 15'38")

DAVI – Minha mãe é muito linda. (15'38" a 15'40")

LINDA MAR – Meu nome é Linda Mar Miranda Alves da Silva, eu tenho 55 anos, e esta é minha história. (15'40" a 15'45")

CLÍPE COM IMAGENS CURTAS DO FILME (15'45" a 16'37")

CRÉDITOS (15'45" a 16'30")

Direção, roteiro e produção

BEATRIZ GURGEL

Imagens

DÊNIO GONÇALVES

Edição

JAIME MARTINS

Orientador

LUIZ CLÁUDIO FERREIRA

Coordenador do curso de Jornalismo

HENRIQUE MOREIRA

Agradecimentos

DEANA FLORÊNCIO

CLÁUDIO FLORÊNCIO

DÊNIO GONÇALVES

JAIME MARTINS

LUIZ CLÁUDIO FERREIRA

LINDA MAR MIRANDA

BRUNO PORTO

MARINA ADORNO

“LINDA MAR – A surpreendente história de uma mulher com adjetivo no nome e duros verbos para conjugar”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.